

**Capítulo 3 - DOI:10.55232/10830012.3**

**OBRA DE ARTE: POR UM DIÁLOGO COM WALTER  
BENJAMIN, NORBERT ELIAS E MARTIN HEIDEGGER**

**Francisco Pereira da Silva e Evandro de Moraes Ramos**

**RESUMO:** As obras de artes, na era da reprodutibilidade técnica, vêm sendo utilizadas ao longo dos tempos como forma de mecanismo de controle a partir dos impulsos e das emoções dos seres humanos e como processo civilizador. Este estudo tem como objetivo aprofundar o estudo das relações que podem ser feitas entre a visão de Walter Benjamin, Norbert Elias e Martin Heidegger. Trata de situar as imagens técnicas e simbólicas e o saber visual como um campo privilegiado de questionamentos sobre nossa história, apelos e gritos para tomar posição em nome do porvir de nosso planeta. Este trabalho toma como fio-guia o poder mimético da obra, seja em meados do século XVII, seja na atualidade com a obra de arte na era da reprodutibilidade técnica e sua relação com o processo civilizador nas sociedades da Pan-Amazônia.

**Palavras-chave:** Arte, Técnica, Percepção

## **1. INTRODUÇÃO**

O presente trabalho é fruto de um projeto que foi aprovado no curso de mestrado e busca demonstrar mecanismos de controle imbricados à obra de arte, por meio de conceitos constituídos a partir da obra de arte na era da reprodutibilidade técnica baseada em Walter Benjamin e como se relaciona ao pensamento de Norbert Elias e Martin Heidegger. Nessa proposta, faz-se uma análise de como a arte contribui na disseminação de preceitos civilizacionais na sociedade Pan-Amazônica.

O estudo busca, através das artes visuais, na perspectiva de Norbert Elias, Walter Benjamin e Martin Heidegger um olhar preciso aos detalhes das informações visuais, que assim como a pintura de Watteau levou alguns leitores a criarem expectativas de uma ilha galante, situação que não ilusória.

A obra de arte na era da reprodutibilidade técnica é bem mais efetiva, pois as imagéticas técnicas estão mais presentes no cotidiano das pessoas por meio de dispositivos técnicos (televisão, celular, computador cinema etc.). Em muitos casos, na palma da mão, onde a obra de arte perde sua autenticidade, passando a ser somente um instrumento de controle. E partir de Heidegger, através da obra, poderemos perceber o outro lado das coisas e como deveremos utilizar o que vemos como ponto de partida para uma reflexão sobre o sentido último da arte e como o conceito de arte pode ser empregado na contemporaneidade.

Com o surgimento de novas tecnologias, as artes visuais deixaram de ser estáticas e começaram a ter uma maior interação com as pessoas, através da televisão, do celular, do computador, do próprio cinema e da própria Internet. O ato de ver e perceber leva tempo, que não está sendo dado, pois essa visão etérea das obras criadas com o auxílio de materiais e técnicas bem mais sofisticados que um pincel de pelos e uma tela de tecido não são somente para suprir as necessidades do dia a dia do ser humano, como forma de entretenimento ou lazer, mas também como forma de persuadir e alienar a sociedade.

O poder persuasivo, por meio da comunicação visual, começou a partir da experiência do homem com a natureza. Para Fisher (2007), esse período se deu quando o ser humano começou a transformar objetos naturais em instrumentos capazes de fazê-lo agir sobre o mundo. Experiências que possibilitaram desde que o homem “mágico ou xamã” sacrificava um animal para seu ritual como forma de conseguir algo em troca (ser sobrenatural), por meio dos signos, imagens e palavras. Uma maneira de excitação do espectador, possibilitando-o novas experiências com o desconhecido. A arte foi e é um meio que o ser humano encontrou

para materializar sua imaginação advinda de suas observações sobre a natureza por muitas vezes alienantes aos olhos dos que buscam somente entretenimento e excitação.

Essa alienação por meio da arte não perdeu seu lugar no mundo contemporâneo, pois se percebe claramente a falta de conceitos críticos com relação às informações visuais, o aumento dessa estética alienante que se configurou no mundo atual. Para Benjamin (2012) “O que parece fascinar o homem ‘moderno’ neste mito é a ilusão narcisista do controle total.” (p.177) e, para Elias (1994), a necessidade do distanciamento para entender o que a arte quer transmitir.

Na contemporaneidade, o domínio das tecnologias e sua aplicabilidade nas artes visuais proporcionam uma interação em massa por meio dos dispositivos técnicos como: a televisão, o cinema, o celular, o computador e a própria Internet. Não descartando que as imagens técnicas criadas e transmitidas a partir de dispositivos técnicos, carregadas de sensacionalismo, também podem ser positivas quando se observa de forma crítica as imagens técnicas, pois a crítica segundo Dewey (2010) “reeduca a percepção” em um processo difícil para aguçar os sentidos (ver e ouvir), proporcionando um melhor entendimento sobre nosso meio circundante. Com o olhar crítico sobre as imagens técnicas não perceberemos somente a importância da Pan-Amazônia para o mundo, mas para nós mesmos.

### ***2.1. A obra de arte na era da reprodutibilidade técnica: uma forma de mecanismo de controle a partir dos impulsos e das emoções na Pan-Amazônia.***

Iniciaremos nossa abordagem fazendo uma reflexão sobre os mecanismos de controle social, que por sua vez depende da experiência adquirida em sociedade, ou seja, que se desenvolveu porque somos seres capazes de transformar nosso entorno a partir de nossas experiências advindas de nossas observações.

O povo que faz parte da Pan-Amazônia vem passando por um problema de imigrantes que fogem de problemas políticos e da cidadania de seus países que precisa ser encarado com muito respeito, sem falar que além dos problemas existentes têm os pré-existentes que é o diálogo com os países vizinhos. Segundo (FILHO, 2013) “além do controle dos ilícitos transfronteiriços, que incluem uma série de atividades ilegais que vão desde o tráfico de drogas ao contrabando e descaminho de diversos tipos de produtos.”

O diálogo entre as imagens técnicas por meio de dispositivos técnicos (televisão, celular e computador) a arte de hoje e sua vasta materialidade, tem a função de estimular o pensamento humano reflexivo. É um grito por liberdade, desperta a maneira de comportar e

agir, que acompanha a era da reprodutibilidade técnica da obra de arte, ou seja, imbricada à sua função, mexe com as emoções, a sensibilidade humana e contribui para um nível de civilidade.

A obra de arte na era da reprodutibilidade técnica e sua funcionalidade contribui temporalmente para expressar fatos históricos, os mecanismos de controle e o nível de civilidade de uma época. Da chegada do colonizador ao Novo Mundo, a arte está presente no encontro dos europeus com os povos autóctones; a ação dos jesuítas e muito mais, mexendo com as emoções do indivíduo da contemporaneidade. Isso nos remete à conquista da Amazônia em 1616 e da própria ocupação portuguesa na região.

Segundo MATOS (2020):

Na relação com outro, *em sua autoimagem*, que os europeus na expansão, na conquista e exploração das terras, deram-se conta, com maior precisão e abrangência, do significado da palavra *civilite*. As palavras civilizados designados para os colonizadores e incivilizados para os colonizados foram potencializadas no sentido de *atribuírem uma grande função ou tarefa* dos primeiros sobre os segundos.

No percurso desse encontro, estrategicamente, a língua dos povos autóctones foi assimilada, possibilitando ao colonizador compreender seus costumes, seu hábito alimentar, o conhecimento do ambiente e sua organização social, impondo gradativamente novas regras. (p. 483)

A arte expressa a forma, as técnicas, as estratégias de abordagens e as diferenças de comportar e agir entre os colonizadores com “sociedade incivilizadas”. Os quadros e suas representações nos mostram os detalhes de roupas até objetos mais simples dos civilizados, ou seja, criações artísticas de alfaiates, artesões e desenhistas, que faziam parte das grandes caravelas e que permitiram, ao captar os fatos sociais, viajar pelo tempo, destacando diferenças ao longo de desenvolvimento da sociedade.

Nos dias atuais as criações artísticas são expressas tecnicamente e simbolicamente e compartilhadas em massa para diversas sociedades, pois com o advento da tecnologia a produção técnica da obra de arte ganhou muito mais espectadores, espectador emancipado, livre de tudo, porém com um outro nível de civilidade que a arte contribuiu a desenvolver ao longo dos séculos.

A atual sociedade da Amazônia desenvolve uma visão do mundo que tem como suporte as imagéticas técnicas, que podem ser cambiadas ao mesmo tempo com o mundo todo, que deixam as pessoas etéreas ao vislumbrá-las. Essas produções, em muitos casos, deixam alguns indivíduos tão fascinados que criam utopicamente sua realidade. Mas essa realidade utópica necessita de uma certa afinação da inteligência visual, pois esse conjunto impresso imagetivamente pode ser um suporte para o próprio indivíduo viver e criar um

mundo subjetivo, diferente de sua realidade, o que Walter Benjamin chama de “A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica”, numa combinação cinematográfica. No entanto, não imaginava ele o que a Internet proporcionaria mais ainda.

Para Barrett, (2014 p.36) “a arte não precisa ser bonita; ela não tem que se esforçar para encher os olhos com uma variedade de sensações equivalentes ao que o mundo real lhe deu”. Somos sabedores que as obras de artes mais antigas, tiveram sua origem em rituais mágicos e religiosos, no qual as imagéticas simbólicas proporcionavam uma visão mais intrínseca do mundo, porém, permitiu transmitir, ao longo do tempo, o nível de desenvolvimento civilizacional das sociedades as quais foram retratadas.

A arte está na essência da cognição humana, na origem da percepção do homem sobre a natureza e de criar novas possibilidades de transformação e criação e, a ela, pode estar imbricada, numa perspectiva subliminar, preceitos civilizadores que mexem com as emoções do observador.

Segundo (BENJAMIN, 2019) afirma que:

(...) a reprodutibilidade técnica da obra de arte emancipa-a pela primeira vez na história mundial de sua existência parasitária em relação ao ritual. A obra de arte reproduzida torna-se, progressivamente, a reprodução de uma obra de arte destinada à reprodutibilidade. \* Por exemplo, é possível uma multiplicidade de revelações a partir de uma chapa fotográfica; a pergunta pela revelação autêntica não faz sentido. No momento, porém, em que o critério da autenticidade fracassa na produção artística, a totalidade da função social da arte é transformada. No lugar de sua fundação sobre o ritual, esta deve duandar-se em outra práxis, a saber: a política. (p. 61)

Para um diálogo mais amplo sobre a arte e como ela atua como mecanismo de controle e nos impulsos e emoções do observador, precisamos entender que a arte está sendo produzida com o auxílio de aparatos tecnológicos mais desenvolvidos.

Esses aparatos na verdade são dispositivos técnicos que se tornaram materialidades para arte. Para Dewey (2010) a arte de hoje é o que muitas pessoas não consideram como tal: o filme, os vídeos, redes sociais, jogos de computadores e celulares, reportagens de crimes e casos amorosos. O que antes era preciso se deslocar a locais específicos para apreciar obras de arte, hoje a possibilidade está na palma da mão.

Mas essa possibilidade de estar na palma da mão, causa uma cegueira visual afetando o aguçar da percepção do espectador, pois nos deparamos com culturas totalmente diferentes

da nossa e, muitas vezes, o que se projeta por meio de imagens técnicas cobertas de um certo mimetismo.

O mimetismo, por meio de dispositivos técnicos, requer um perceber e uma reflexão mais crítica por parte do espectador. O povo amazônico é pluricultural. Isso se deve a interação com outros povos que aqui chegaram e hoje também se deve a interação com imagens técnicas. ELIAS (1994), demonstra que, para compreendermos a problemática sociológica é preciso um trabalho de reorientação. No entanto, não somente a reorientação sociológica, mas também uma compreensão melhor do que é produzido pela “sociedade informática”. Por meio de dispositivos técnicos, a obra de arte mudou a forma de se apreciar uma obra arte, precisamos reorientar como é importante está com o olhar afinado e crítico.

Com o avanço tecnológico, as produções cinematográficas, televisivas e na Internet produzem imagens tanto estáticas quanto não estáticas. Essas imagens são criadas a partir de dispositivos tecnológicos e que assim como a obra de “A peregrinação de Watteau à ilha do amor” possibilitou a diversas pessoas criarem utopias subjetivas de uma realidade que eles não conheciam, apenas objetivavam a partir de seu pensamento subjetivo. Norbert Elias (2006), ao analisar a obra de Antonie Watteau, “A Peregrinação de Watteau à ilha do amor”, mostra como a representação pictórica de uma utopia de um público predominantemente aristocrático, pessoas que nesse período tinham seus ideais de vida simples, elegante da alta burguesia.

Nesse sentido, produções artísticas bem planejadas e bem elaboradas contribuem para que o observador, em tempos e espaços diferentes possa, de forma intersubjetiva, se relacionar com a ficção, quer esteja em espaços públicos, escolas ou nas próprias residências.

## ***2.2. A peregrinação de Watteau a ilha do amor: uma comparação com a obra de arte de hoje.***

Elias, no livro, *A Peregrinação de Watteau à Ilha do amor* destaca como a obra de arte é percebida e como seu público criou utopias referente à ilha de Citera, mas que no início do século XIX começou-se a entender a dura realidade que foram cercadas de utopias a referida obra. Utopias de uma classe dominante que passou pela mão artista, dependendo do tempo e de sua materialidade possibilitando mudanças em suas técnicas. Sempre representando sua de visão de mundo, de acordo com sua realidade sociocultural, ou escolhe para retratar por meio

da arte, como vemos na obra de Watteau que cercou de utopias muitos observadores, perpassou pelo tempo.

Hoje as produções artísticas ganharam novos níveis reprodução e aperfeiçoamento que cerca o homem amazônico da atualidade de utopias do analógico, digital ao virtual, a partir de imagens observadas na Internet, na televisão, no cinema e em *outdoors*, criadas com o auxílio de materiais tecnológicos, as quais tem um poder sobre os sentidos, pois é mais excitante que sua própria realidade. A excitação que possibilita o controle por meio das emoções, as imagéticas técnicas (estáticas ou não estáticas) podem se tornar ou retratar um grande e enigmático problema para a sociedade atual.

Os problemas que essas obras causam no espectador da sociedade atual são: distração, alienação, persuasão e o aumento do analfabetismo. Para Flusser (2019), são utopias da “sociedade informática”<sup>1</sup>. São situações que fazem o espectador amazonense deixar de lado o legado de uma cultura que tanto proporcionou o olhar alegre e respeitoso sob a natureza, de onde sai a riqueza de detalhes dos devaneios amazônicos, assim como os espectadores da obra de Watteau que conseqüentemente viveram uma experiência a partir da obra de arte, criaram conceitualmente sua experiência subjetiva com base na representação da obra, imaginando uma ilha galante agindo por impulso de suas emoções deixando de lado a razão, conceituação e a própria materialização de sua alegoria dialética levando ao espectador criar impressões subjetivas e criar utopias de sua realidade, embora essa seja o lado da ficção da obra de arte que transcende o imaginário e mexe com a psique de quem a aprecia.

Vimos como a pintura Watteau teve o poder de transformar o imaginário subjetivo de indivíduos em meados do século XVIII e início do século XIX. A arte em sua plenitude desde os primórdios tem o poder de fazer o ser humano refletir sobre o desconhecido e criar vários conceitos a respeito do que ele ver e o que não ver, que posteriormente torna-se representativo e real.

Segundo Elias (2005) a respeito do fato de Nerval ter ido pessoalmente à ilha Citera, descreve que:

Lá encontrou, no entanto, uma ilha árida e odiosa que então, sob domínio britânico, chamava-se Cérigo. O que tinha diante de si eram rochas nuas e, como sinal da crueldade humana, uma forca de três braços. De um desses braços pendia um corpo. "Foi", escreveu, "no solo de Citera que vi pela primeira vez um enforcado." (p.45)

---

<sup>1</sup> Vilén Flusser: Uma massa de indivíduos solitários unidos entre si pela identidade cósmica dos programas.

Ver e perceber de forma clara e detalhadamente é educar os sentidos e sempre que possível fazer uma reflexão sobre o que se vê. Essa, talvez, seja uma das funções civilizacionais implícita na obra de arte.

Isso é importantíssimo na sociedade de hoje. Tomemos como exemplo o que foi dito acima sobre a obra de arte de Watteau narrado por Elias a partir de uma pintura e como ela influenciou um determinado grupo de espectador. Nesse período, as produções artísticas tinham seus limites para como a obra de arte e sua aura chegaria ao espectador, pois ainda se tinha uma certa limitação para o uso de certas materialidades, ou seja, as produções artísticas se limitavam em pinturas, narrativas, esculturas, gravuras, retábulos estabelecidos e fixos. E agora imaginemos como a arte está presente em nossos dias atuais, como as imagens fazem parte de nossas vidas e como a arte nos envolve de certa maneira até mais persuasiva.

Segundo Norbert Elias (1995)

“Na fase da arte artesanal, o padrão de gosto do patrono prevalecia, como base para a criação, como base para criação artística, sobre a fantasia pessoal de cada artista. A imaginação individual era canalizada, estritamente, de acordo com o gosto da classe dos patronos” (p. 47).

Hoje não há limite para a criação de obras de artes que envolvam o uso e o auxílio das tecnologias. *A busca da excitação* é a obra em que Elias propõe uma sociologia do lazer e se dedica à compreensão de atividades miméticas, que tem uma ligação com arte, ocupam um lugar de destaque nas sociedades complexas e de que forma a ênfase em atividades desse gênero vai denotar características específicas da estrutura de personalidade dessas sociedades.

Norbert Elias em “*Mozart a sociologia de um gênio*”, nos confirma como a arte era feita nesse período, como pode servir para uma reflexão da sociedade amazônica. A arte de hoje, principalmente as obras técnicas têm na sua essência os mesmos problemas e conflitos entre criatividade e uma sociedade que tudo faz para mantê-la sob controle. O que muda nesse sentido são as formas de se produzir arte e como essa hegemonização se beneficia da arte transformando os códigos simbólicos em ícone midiáticos que conseqüentemente afetam a estrutura perceptível da sensibilidade e que distingue o processo civilizador na vida do homem amazônico em plena contemporaneidade, como espectador de uma arte na era da reprodutibilidade técnica, agindo por sua vez com um certo mecanismo de controle na sociedade que faz parte da Pan-Amazônia.

Segundo Elias (1995)

A imaginação individual era canalizada, estritamente, de acordo com o gosto da classe dos patronos. Na outra fase, os artistas são, em geral, socialmente iguais ao público que admira e compra sua arte. No caso de seus quadros

principais, o *establishment* dos especialistas num dado país, os artistas, enquanto formadores de opinião e a vanguarda artística, são mais poderosos que seu público. Com seus modelos inovadores, podem guiar para novas direções o padrão estabelecido de arte, e então o público em geral pode ir lentamente aprendendo a ver e ouvir com os olhos e ouvidos dos artistas.

Todos os mecanismos de controle são planejados, arquitetados que na contemporaneidade são contemplados por meio de dispositivos técnicos.

As imagens técnicas se tornam representativas visualmente e por meio dos dispositivos técnicos, carregadas de dominação e poder, que hoje tem a possibilidade de ir muito além das fronteiras das regiões mais remotas da Amazônia, que por muito tempo impediu os estabelecidos (indígenas) de entrar em contato com os *outsiders* (a cultura dominante). No entanto, o povo da Pan-Amazônia carrega um estereótipo de viver ainda como algumas civilizações indígenas que nunca tiveram contato com a cultura dominante, ou seja, os *outsiders* se tornaram os estabelecidos e vice versa.

A heterogeneidade da arte na contemporaneidade ganha uma dinamicidade indissociável do espectador.

Segundo ELIAZ, (1995) afirma que:

Que qualidades de uma obra, e que aspectos estruturais da existência social e da sociedade de seu criador, fazem com que este seja tido como "grande" por gerações posteriores — algumas vezes a despeito da falta de ressonância entre seus contemporâneos? É uma questão em aberto, e que hoje em dia muitas vezes ainda se disfarça de mistério insolúvel. (p. 57)

O que aqui estamos buscando apresentar é de que a obra de arte na era da reprodutibilidade técnica pode despertar no indivíduo conceitos constituídos, criando padrões estereotipados nas imagens técnicas o que possibilita o controle social por meio dos impulsos e das emoções, um processo civilizador nos indivíduos que habitam a Pan-Amazônia.

Os padrões que são constituídos por meio das imagens técnicas são padrões utópicos de uma geração que faz parte da revolução técnica, que pouco se importa com os padrões socioculturais de sua realidade, ou seja, as obras técnicas agem como um instrumento que contribui no processo civilizador na Amazônia ao retratar padrões de comportamento da “sociedade informática”.

Elias também vai dizer que, as sociedades mais desenvolvidas quando adentram em sociedades mais antigas tentam impor seu processo “civilizador” ou incivilizado. O trabalho aqui escrito tem como prioridades destacar os estudos epistêmicos de Norbert Elias e como seus estudos se relacionam com o atual contexto da social e cultural na Pan-Amazônia, mas

antes não podemos deixar de destacar que o processo civilizador teve início com frequência com a chegada e ocupação lusitana na Amazônia no início do século XVII. [SANTOS, 2009, P. 38 apud Matos, 2020, p. 481]. Essa ocupação deu início a um choque de culturas, ou seja, a cultura com maior poder simbólico impera seu conceito civilizatório. Poder simbólico que Bourdieu (1989) denominou de “poder invisível que só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem”.

Esse poder simbólico se desenvolve através da linguagem. Segundo BERGER e LUCKMANN, (2004):

A linguagem constrói, então, imensos edifícios de representação simbólica que parecem elevar-se sobre a realidade da vida cotidiana como gigantescas presenças de um outro mundo. A religião, a filosofia, a arte e a ciência são os sistemas de símbolos historicamente mais importantes deste gênero. (p. 61)

A arte e seu poder lúdico-mimético na contemporaneidade funciona como mecanismos de controle na sociedade amazônica e como as expressões simbólicas na era da reprodutibilidade técnica exige que o indivíduo na Amazônia valorize e tenha um olhar mais aguçado das informações visuais, pois a não valorização pode possibilitar um relaxamento perante os problemas socioculturais, que por sua vez, estão estereotipados em propagandas televisivas, em *outdoors* e principalmente na Internet.

Com o avanço tecnológico, a arte ganhou novas materialidades, principalmente as artes visuais, ficando mais evidente a heterogeneidade como outras linguagens artística.

### **2.3. A importância do conhecimento artístico na atualidade.**

É bem sabido que o conhecimento artístico surge com a necessidade de o ser humano compreender o mundo que o cerca, mesmo que não tenha evidências científicas, mas apenas a investigação científica pode verificar a verdade.

O mundo da arte é subjetivo, cognitivo, concreto, vivo e pode ser observado, compreendido e apreciado. Por meio da experiência artística, o ser humano desenvolve sua imaginação e criação aprendendo a conviver com seus semelhantes, respeitando as diferenças e sabendo modificar sua realidade. A arte dá e encontra forma e sentido como instrumento de vida na busca de compreender quem somos, onde estamos e o que fazemos no mundo.

Segundo Gentiletti (2017, p. 55) “A imaginação potencializa a sua capacidade criativa quando possui uma maior diversidade de “modelos” que exemplificam e estimulam a infinita aptidão combinatória da mente humana”.

Segundo Candelero (2016):

A obra: criação que se dá, algo que não tem finalidade externa. O trabalho é o que é; e o que é, é o que tem. Assim, a beleza - que a obra às vezes consegue ter - não é mais uma força fenomenal independente de substratos (coisas) e livre dos homens (ou seja, aparecer e afetar um e outro 'ao acaso'), como na Grécia. A beleza é agora um 'efeito', um 'reflexo', uma 'representação' --sem causa, não origem--, que reside e perdura na obra de arte - ainda mais do que na Natureza- -, e que com o tempo - a nossa -, chegará até a 'medir' e 'consistir' na única força de afeto ao homem receptor. (Hoje a beleza é apenas e dificilmente um 'afeto subjetivo' - um 'ponto de vista' sensorial e individual.) (P. 08)

Este conhecimento e compreensão do mundo envolvente pela obra é ainda mais necessário na contemporaneidade, pois a obra de arte e sua origem de certa forma suscitam questões no pensamento humano, mas se a obra não tivesse uma finalidade externa o que seria a Arte? De acordo com Ferry (2002, apud FABRE, 2011)

"Essa fala comovente de Ricoeur remete primeiramente à ambiguidade da ideia de *obra*. A obra é o que se faz, o que se cria e, ao mesmo tempo, o que se faz da vida e, portanto, o que se é. Mas será que podemos pensar da mesma maneira, ou seja, com as mesmas categorias, o que se é e o se faz? De igual modo, temos critérios que fazem com que uma vida possa ou não ser qualificada como uma obra: o que é uma vida bem-sucedida e que tipo de sucesso exige a ideia de obra? (p. 348)

A obra de arte está intrinsecamente ligada à subjetividade de seu criador que, além do sentimento estético que sua criação perdura, também persistirá no observador, mesmo que não seja o sentimento que persiste na visão do criador (artista). Da mesma forma, a nossa vida é como se fosse uma obra de arte constantemente observada num contexto que implica a própria valorização de uma obra de arte.

As obras técnicas causam efeitos profundos na estrutura social do povo amazônico, pois suas obras, em muitos casos, são “mimesis” de artistas valorizados ou não pelas aplicações comerciais de seu estilo de vida, por meio da publicidade e a propaganda, o ideal da vida urbana, por meio de imagens técnicas, causando no espectador amazônico o ideal de sociedade urbanizada.

Dessa forma a obra de arte e sua reprodutibilidade técnica, pode representar um ideal perfeito, mas um ideal que não condiz com a realidade sociocultural amazônica, pois precisamos reeducar nossa percepção sobre as obras de arte na era da reprodutibilidade técnica.

O fato é que na sociedade de hoje é necessário um maior entendimento da obra de arte “imagens técnicas” e não apenas de como a arte era vista e admirada por sua áurea. O contexto histórico da Arte Moderna rompeu com a forma como a arte era feita na Europa, lutou pela liberdade de expressão e o fez transformando a forma como a arte podia ser feita e como as suas obras eram compreendidas.

Portanto, a obra de arte permite uma reorganização no contexto da arte e da questão intrínseca da estética com valores não estéticos (fruição e poética) da arte no ambiente envolvente, a arte tornou-se muito maior, a sua representatividade no mundo de hoje, porque a beleza da "arte pela arte" estava muito além da compreensão da beleza do observador, mas também uma compreensão do mundo ao nosso redor.

Contemplando a natureza, o artista emociona-se com a vida e tenta, por meio da arte, expressar suas manifestações. Em sua busca constante pela perfeição, o artista grego cria uma arte de elaboração intelectual na qual predomina o ritmo, o equilíbrio e a harmonia ideal. Tudo isso acarreta consequências fundamentais na história da arte que determinam a sobrevivência de muitos conceitos.

Conceitos pelos quais Platão julga a arte como “imitação, capaz de enganar, visto que a realidade sensível já é uma imitação do inteligível”. Nesse sentido, diz-se que a experiência artística se baseia em situações que têm uma verossimilhança, não com acontecimentos ou atos reais, mas também com aqueles que são possíveis de acontecer, ou seja, que estão no poder.

De forma indireta e direta a arte, por meio dos dispositivos técnicos, contribui com todas as sociedades. No entanto, essa contribuição vem aos poucos acabando com o legado cultural na Amazônia. Segundo (FLUSSER, 2019, p. 86) “São os inventores das imagens técnicas (e dos demais produtos revolucionários) que derrubam o sagrado”, civilizando os povos da Amazônia há uma revolução técnica.

A necessidade de acompanhar essa revolução técnica é primordial, mas precisamos estar alfabetizados visualmente com a inteligência visual aguçada de uma forma que nossa percepção não se limite somente à fome estética.

A fome estética se torna insaciável nessa sociedade informática, pois é uma fome que impossibilita um olhar mais crítico.

Segundo Candelero (2014) afirma:

A abordagem heideggeriana poderia ser apresentada desta forma ... O ser útil do instrumento consiste em sua utilidade, mas mesmo essa utilidade repousa em uma 'essência' mais primária: a segurança. Tal tese é encontrada em "A Origem da Obra de Arte" e, dentro deste livreto, em sua abordagem hermenêutica dos 'sapatos de camponês' de Van Gogh. Heidegger insiste que não é a ferramenta que oferece a chave para acessar e compreender a obra de arte, mas sim ocorre o contrário: é a obra que esclarece e detalha o modo de ser próprio da ferramenta - a obra de arte revela o ser das entidades - entre elas, as úteis, ou as úteis. (p. 02).

Os argumentos de Heidegger nos passa uma reflexão mais complexa sobre o conhecimento artístico, ou seja, nos faz refletir sobre como o conhecimento artístico vem

antes do científico, porém, para que isso aconteça é necessária uma observação mais atenta das coisas. Percepção e a própria inteligência visual.

Quando olhamos para uma cadeira, por exemplo, a maioria das pessoas a vê como algo utilitário de seu ambiente circundante, não imagine que por trás dessa cadeira o objeto anterior era um conceito na essência do pensamento de alguém que viu antes. Sua realização não é apenas a sua utilidade, mas antes um sentimento intrinsecamente coberto por uma conquista que se tornaria útil, mas útil que antes de ser útil para alguém se tornou útil em sua essência, na imagem mental que depois se tornaria algo concreto.

O ato de ver deve ser compreendido e percebido e a experiência por meio da arte é uma forma de compreender o que vemos e ter uma ideia melhor do mundo que nos rodeia. Segundo Dondis, (2007, p. 06) “a experiência visual humana é fundamental na aprendizagem para que possamos compreender o ambiente e reagir a ele; a informação visual é a mais antiga da história”. Para Herman, (2017, p. 33), “a arte nos oferece inúmeras oportunidades de analisar situações complexas, bem como as mais simples”.

O conhecimento artístico nos possibilita seres mais críticos diante das imagens técnicas, um ser mais reflexivo diante dos meios que são instituídos pela revolução técnica. Precisamos estar alfabetizados visualmente para que o processo civilizador não nos torne alienados de um sistema que busca meios de civilizar de acordo com seus ideais.

É muito importante estarmos atentos ao nosso meio circundante, porque nossos sentidos de alguma forma são atraídos por imagens simples, mas o processo para o qual essas sensações são despertadas é que contribui com o grau de complexidade. (TÜRCKE, 2010) afirma que:

(...) "Aquele que chama a atenção" é sinônimo de sensação, e sua percepção tout court ... O caso extremo da sensação começa a se aproximar da normalidade; que não atrai a atenção não é perceptível. E o sentimento se torna uma insanidade vital. É essencial rir de si mesmo e conseguir o que deseja sentir "lá" para ganhar a vida no sentido literal e figurado. (p. 77)

Na cronologia histórica, as formas das imagens de transferência de informação permaneceram um legado muito promissor onde o homem registrou seus maiores medos e desejos. Debray (1993, apud PORTANOVA, ANGELI, & FANTINEL, 2016) afirma:

Imagem era um ser vidente, sobrenatural, caracterizou o primeiro período histórico ocidental catalogado, desde a sistematização da escrita até a maior invenção de Gutenberg. A Igreja medieval deu prosseguimento às premissas da arte greco-romana da imagem fantasmagórica da divindade. Passando da iconologia à autonomia da arte, a imagem é deslocada do altar para o museu, transformando-se de objeto de culto para objeto de contemplação. O progresso da técnica inaugura, então, um terceiro momento de relação com as imagens: a partir da popularização da

transmissão televisiva em cores, nos anos 1960, chegamos à atual era do vídeo. (p. 214)

Em geral, a palavra coisa aqui nomeia tudo o que é simplesmente nada. Nesse sentido, a ciência também é uma coisa, na medida em que é em geral um determinado ser. No entanto, esse conceito de coisa não nos ajuda em nada, pelo menos imediatamente, em nosso propósito de delimitar o ser da coisa, tendo em vista o modo de ser da ciência.

O cognitivo é o que pertence ou está relacionado ao conhecimento. Este, por sua vez, é o acúmulo de informações que estão disponíveis graças a um processo de aprendizagem ou à experiência e percepções do mundo ao redor.

As percepções, a própria experiência, tem a necessidade de que as pessoas tenham a capacidade de contextualizar, ver e perceber o mundo ao seu redor, as interpretações são muitas e é claro que essas análises proporcionam o desenvolvimento da inteligência visual.

Para aprender é necessário entender e analisar a relação entre o futuro e o passado, também entenderemos todo o processo de aprendizagem, ou ser um biógrafo de sua história.

O conhecimento artístico na era da reprodutibilidade técnica é fundamental para que o processo civilizador na Amazônia não seja um processo de destruição dos bons costumes que fazem parte da identidade amazônica. A arte contribui massivamente com o processo civilizatório na Amazônia, pois é intenso o poder das imagens técnicas, nosso corpo é modelado conforme o consumo dessas imagens, mudando a concepção de muitos espectadores na Amazônia.

### **3. Considerações finais**

As criações artísticas com o auxílio das novas tecnologias surgem em meio de interdependência e que além de proporcionar entretenimento e lazer, também possibilita uma reflexão sobre o que se passa na atualidade, mas que tem a necessidade de um aguçamento da percepção visual perante as informações visuais.

Concluimos que aprender é uma mudança de comportamento, assimilação e informação com o sentido de aprender sem barreiras e limites importantes para a criatividade e disponibilidade de cada ser. O desenvolvimento de uma boa aprendizagem e integração dos aspectos: afetivos, físicos, emocionais, sociais e intelectuais do aprendiz, causando uma motivação interna e construtiva ou integral em todos os momentos. Para isso, o observador precisa de sensibilidade, vontade de compreendê-la e um certo conhecimento da história da arte, para que possa compreender o contexto em que a obra foi produzida e relacionar-se com o seu próprio contexto.

Além disso, a arte ou o conhecimento artístico faz parte de todo o processo, indo desde a criação do artista até a compreensão e apreciação do observador.

A arte como mecanismo de controle funciona por meio das imagens técnicas, pois elas adentram às mais remotas civilizações na Amazônia, a acesso a novas culturas adquirindo novos hábitos, ou seja, processo civilizador por meio das imagens técnicas, que podem ser percebidas principalmente por meio da televisão e dos celulares. Uma evolução no contexto amazônico. Estamos conectado ao mundo todo, mas precisamos estar alfabetizados visualmente, para que o processo civilizador não seja tão punitivo quanto o período medieval. Além disso, a arte como mecanismo de controle, é uma tendência das imagens técnicas, pois as produções são excitantes ao ponto causar uma cegueira visual tornando os espectadores imponentes diante das situações socioculturais.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

BARRETT, T. (2014). *Crítica de arte: cómo entender lo contemporáneo*. Porto Alegre: AMGH.

BENJAMIN, W. **Estética e sociologia da arte**. 1ª. ed. Belo Horizonte: Autentica, 2017.

BENJAMIN, W. **A obra de arte na era da reprodutibilidade técnica**. Porto Alegre: L & PM, 2019.

BERGER, P. L.; LUCKMANN, T. **Construção Social da Realidade**. 24ª. ed. Petrópolis - Rj: Vozes, 2004.

BOURDIEU, P. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

CANDELERO, N. Arte y Ciencia. De la precisión en el hacer. **Ciencias Sociales y Humanidades**, Rosario, Novembro 2011.

CANDELERO, N. De las obras que hacen. El camino de la materia, a la conciencia. **III Jornadas “Imágenes de la urbe: flujos culturales y políticas cotidianas”**, Rosario, 05 Septiembre 2013. 01-16.

CANDELERO, N. Arte y Religión. La transformación ‘moderna’. **Ciencias Sociales y Humanidades**, Rosario, 2016.

DONDIS, D. A. **Sintaxe da Linguagem Visual**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ELIAS, N. **Introdução à Sociologia**. 4ª. ed. Lisboa: EDIÇÕES 70, 1970.

ELIAS, N. **Mozart, sociologia de um gênio**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

ELIAS, N.; DUNNING, E. **A busca da excitação**. Portugal: Difel, 1922.

ELIAZ, N. **O processo Civilizador**. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, v. Volume 1, 1987 - 1990.

FABRE, M. Fazer de sua vida uma obra. **Educação em revista**, p. 347-368, 2011.

FILHO, P. P. Reflexões sobre o Brasil e os desafios Pan-Amazônicos. **Revista brasileira de política internacional**, Brasília, v. 56, p. 94-111, Março 2013. ISSN 0034-7329.

GENTILETTI, M. G. **El pensamiento creador en la enseñanza**. Rosario: Homo Sapiens Ediciones, 2017.

HERMAN, A. (2017). *Inteligencia Visual: Agudiza tu percepción, cambia tu vida*. Barcelona: Plataforma Editorial.

MATOS, G. C. G. D. Norbert Elias em debate: usos e possibilidades de pesquisa. **Norbert Elias para o pensamento social e a compreensão da gênese do processo civilizador ocidental na Amazônia/Amazonas**, Ponta Grossa, 2020. 480-508.

TÜRCKE, C. **Sociedade excitada**: filosofia da sensação. Campinas-sp: Editora da Unicamp, 2010.

VIEIRA, M. P. Arte, artista e processo civilizador – um leitura da formação das tradições estéticas no Ocidente a partir de Norbert Elias. **Paper Filosofia e Ciência**, Marília, v. 5, p. 1 - 15, Fevereiro 2003. Acesso em: 2021.